



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Três poemas]

Horácio Costa

Para citar este documento / To cite this document:

Horácio Costa, "[Três poemas]", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 138-144.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

No Cemitério do Araçá

I

Os gatos negros do Cemitério do Araçá
Não se esgueiram entre os túmulos:
São os seus donos verdadeiros,
Delidos os nomes dos enterrados
E sem sentido, no *al di là*, as
Genealogias das famílias imigrantes.

Fixam-me com os seus olhos luminescentes
E é como se minhas pernas súbito
Pesassem mais: impõe-se-me parar
E render-lhes homenagem
Mas sigo adiante, desgargosamente.

Do Araçá podemos observar a cidade
Ao longe: prismas resplandecentes
No meio da tarde.
Mas retenho apenas o olhar senhorial
Desses gatos negros.

Buenos Aires, *primeras impresiones*

I

Música de merda na entrada a Buenos Aires.
A sinalização diz a cada cem metros:
«Prohibido circular por la banqueta»,
Que vai em acive das laterais da autopista engarrafada
Até, acima, o terreno plantado de árvores
Que dá às casas desses bairros e às ruas.
Entre o asfalto e os eucaliptos, os carros
Não apenas circulam fora do acostamento:
Prosseguem pelo plano inclinado
Como se esse gramado fosse
Uma continuação da avenida.
Cada argentino é
Um código de trânsito.

II

Um caminhão tentou escapar cruzando
Por sua conta um campo de pelada
Sem dar-se conta de que debaixo
De uma enorme árvore folhuda
Atocaiava-se uma patrulha.
O guarda vestido de uniforme camaleônico,
Verde, não o multa, e tem expressão
De comédia italiana, as mãos na cintura.
Mas fá-lo engatar uma marcha a ré
E retornar ao leito da autopista.
A operação é acompanhada
Com interesse mesclado de descrença
Por quem guia os demais veículos.
Se há protestos e em São Paulo haveria
Não os escuto, abafados pela estentórea
Música de merda. O fluxo é lento
Mas os carros dão-se passo.
Como em Madri em sacadas
Há gerânios. Não faço idéia por quê
Tão poucas motocicletas.
Não se entende, com este trânsito.

III

Devemos à Argentina o conforto
De termos vizinhos também ao sul,
De sentirmos que há algo além
Das nossas fronteiras, de que
Sendo parte do hemisfério da água
Que é o nosso comum
Ainda há terra por caminhar
Até o pólo.
Como se sentirão eles
Entre nós e o infinito?
Não será apenas pelo trânsito
Que emigram sem parar.
Ou seremos vizinhos tão sofríveis
Que preferem sistematicamente
Nos deixar e, conosco, ao seu
Lugar?

IV

Falamos da solidão acompanhada,
Então, engarrafada? Observo os perfis
Dos choferes meus temporários
Vizinhos de autopista. Não se olham
Uns aos outros, ou quase não se olham.
Não acenam nem repartem gestos
Como quem diz «Isso é insuportável».
O céu baixo, nevoento, por si só
Explicará?

Como uma revoada de pássaros
Interrompem as minhas cavilações
Um bando de jovens que praticam jogging
E brincam uns com os outros.
Trazem uniformes verde-azuis
E detrás dos mais bonitos
Que vão na frente suados como potros
Correm dois ou três adolescentes
Cujos corpos ainda arredondados,
Os ombros ainda estreitos
Denotam a idade: correndo atrás
Aprendem a ser homens.

Já se normalizou o fluxo, já é história
O engarrafado horário de pico.
Daqui para frente há quase apenas
O rio que se parece ao mar.
Deixamos Buenos Aires para trás.
Seguimos ao interior, rumo a Rosário.

Buenos Aires, 16 de setembro de 2009

Poema ínclito

O poema moderno só aceita biografemas
se forem biografemas ínclitos.
Ínclitos!
Falar de amor não dá;
melhor das botas austro-húngaras
de uma putativa vizinha
orquidófila como princesas:

*Summer surprised us coming
over the Starnbergersee
with a shower of rain.
Bin gar keine Russin,
stamm'aus Litauen, echt
deutsch. Marie, Marie,
hold on tight
And down we went!*

...

Etc.

Mas nada de tão ínclito
acorre a quem vira 55
sob a canícula carioca.
Veja, eu não falo com
remanescentes do Império Dual
mas
na melhor tradição travesti
Wo Männer Prinzessinen mimen
— para quem não entende alemão:
«onde homens imitam princesas».

Pois, neste lugar do falar
pois, falo com os mortos.
Os mortos!
A doce Ulalume, quem poderia
estar *assise* neste sofá de pelica branca
pontificando que ao chá com leite
se diz em inglês
I want it with a cloud of milk,
fazendo ênfase em «cloud»,
e com o meu pai, quem sempre
me acompanha quando estou
neste Rio de Janeiro.

Sua presença chegou-me
como uma nuvem de leite,
um lugar do falar das memórias
próprias e alheias, que remetem
sempre a alguma origem:
o Amazonas se atravessa em um
salto
nos Andes.

Íncrito?
ora, não, não se peça algo
tão elevado, nem a quem vive em alguma
cordilheira,
como eu.

Aos 55, o fantasma te cumprimenta
e significa tanto quanto
quem de fato se recosta a teu lado,
na praia, no ônibus,
neste pulcríssimo sofá de pelica branca.

O *lofty* pertence aos que
o convencenam: eu, não.

Eu não convenciono o elevadíssimo.
Íncrita será a cara que me mire
quando me mirar eu próprio,
ao espelho ou no ar,

in the Alps of night
(Durrell).

Rio de Janeiro, 6 XI 2009